

ETNOGRAFIA DO BULLYING RACIAL NA ESCOLA: UM OLHAR DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Maria Josilânia da Silva¹
Maria Cleide Rodrigues Bernardino²
Joselina da Silva³

RESUMO: O *bullying* hodiernamente tem sido um tema constantemente debatido na mídia e nos meios escolares, *bullying* com os obesos, com os *nerds*, com os tímidos, *cyberbullying* entre outros, porém pouco se escuta falar sobre o *bullying* racial, pois assim como o racismo o mesmo é invisibilizado na sociedade brasileira na tentativa de negar a existência deste tipo de prática no país, visto que o Brasil reproduz a imagem de que aqui vivemos em uma “democracia racial”. Partindo deste pressuposto da falta de informação sobre o *bullying* racial buscamos nesta pesquisa averiguar se os alunos negros hoje nos bancos universitários especificamente no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) identificavam durante o seu Ensino Fundamental II atos preconceituosos contra os alunos negros, do mesmo modo buscamos verificar também se esta prática ainda é comum nas escolas no presente momento. Trata-se de uma pesquisa etnográfica de delineamento qualitativo, aplicado a dez estudantes identificados como negros pelos pesquisadores.

215

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Preconceito Racial. Bullying Racial.

BULLYING OF RACIAL ETHNOGRAPHY AT SCHOOL: A LOOK OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE

ABSTRACT: Bullying in our times has been a constantly debated topic in the media and in educational media, bullying with obese, with nerds, with the timid, cyberbullying among others, but little is heard talking about the racial bullying, as well as racism the same is made invisible in Brazilian society in an attempt to deny the existence of this practice in the country, as Brazil reproduces the image that here we live in a "racial democracy". Under this assumption the lack of information on the racial bullying pursue this research see if black students today on college benches specifically in the course of Library Science from the Federal University of Cariri (UFCA) identified during their elementary school II acts prejudiced against black students, just as we seek to also check this practice is still common in schools at present. This is an ethnographic study of qualitative design, applied to ten students identified as black by the researchers.

KEYWORDS: Racism. Racial prejudice. Racial bullying.

¹ Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

² Professora do Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Cariri (UFCA), Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

³ Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Doutora e Mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

INTRODUÇÃO

O Brasil se orgulha em dizer que vive uma democracia racial. Entretanto, mesmo após mais de cento e vinte e cinco anos do fim da escravidão, os negros em nosso país continuam sofrendo discriminação racial, em empresas, universidades, espaços públicos, escolas entre outras instituições. Hoje, continuam em sua maioria, ocupando a baixa esfera social, sendo vítimas constantes do preconceito racial enraizado e tendo inclusive, o pior desempenho no rendimento escolar, conforme apontam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011⁴.

Os indicadores da referida pesquisa revelam uma porcentagem de alunos negros com mais de dois anos de atraso escolar o equivalente a 14%. Entre alunos brancos, a taxa cai pela metade, 7%. E apenas metade dos estudantes negros, ao atingir o 6º ano do Ensino Fundamental, tem a idade correta para o ano em que estuda. Além disso, somente 35,8% dos estudantes negros ou pardos entre 18 e 24 anos estão no ensino superior. A maior parte da população negra ou para de estudar nessa faixa etária ou ainda está no Ensino Médio, estes somam 45,2%. Já entre os brancos nessa faixa etária, a maioria dos estudantes frequenta cursos universitários, correspondendo a 65,7%, enquanto 24,1% ainda estão no Ensino Médio. E em todas as regiões do Brasil os negros são mais propensos a repetir e abandonar a escola do que os brancos.

Com base nos dados apresentados, o presente artigo tem o objetivo de avaliar se os discentes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) haviam sofrido algum tipo de preconceito referente à sua cor, no período de Ensino Fundamental.

Alguns dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFCA, hoje nos bancos universitários, reportam ter sofrido algum preconceito racial quando no ensino fundamental. Muitos são enfáticos em afirmar a ausência de providências, por parte dos professores ou a gestão da escola. Os mesmos referem-se também às aulas onde os negros eram vistos apenas como escravizados, nos livros de história. O que propiciava que muitos estudantes negros fossem tratados discriminatoriamente por seus colegas, passando a negar sua identidade e seu pertencimento racial.

⁴ VER: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com a intenção de atingir o objetivo proposto, esta investigação faz uso da pesquisa etnográfica, a partir do entendimento do Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição (LECCC), ou seja, como aquela que apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas.

A etnografia é uma metodologia qualitativa de pesquisa que teve sua origem na antropologia cultural, e que propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente (sala de aula, por exemplo). De acordo com Silva et al (2010) o termo etnografia tem sido usado para designar o estudo dos fenômenos sociais a partir de uma investigação em que o pesquisador participa ativamente no contexto pesquisado com o intuito de entender os significados das ações e dos comportamentos dos sujeitos que vivem e se relacionam neste ambiente.

Segundo Castro (2011), as pesquisas do tipo etnográfico permitem que o sujeito e o pesquisador possam compartilhar experiências que partem das explicações que os sujeitos constroem sobre si que delineiam os processos vivenciados por eles, desta forma o pesquisador poderá interagir diretamente com o seu objeto de pesquisa, no intuito de aprofundar as suas percepções.

Neste sentido, a escolha da técnica deu-se pelo fato de que os resultados podem ser analisados a partir do olhar crítico e holístico dos pesquisadores perante os dados obtidos e as observações feitas no cenário da pesquisa. A etnografia permite ao pesquisador contextualizar as experiências vividas pelos alunos, através dos relatos dos mesmos obtidos através de observações, entrevistas e questionários, descrevendo, analisando e interpretando dentro do contexto da pesquisa.

Os instrumentos da pesquisa são questionários aplicados aos alunos identificados como afrodescendentes no curso de Biblioteconomia. Pretendemos, portanto, ao identificar o problema, contribuir para a discussão do tema, estimular o combate ao racismo a fim de minimizar a evasão e o baixo rendimento escolar.

EDUCAÇÃO E PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL

Entendemos que o preconceito racial é um grave problema social e que tendo lugar na escola, ocasiona uma série de questões que envolvem desde o rendimento até o total

abandono dos estudos. Nascimento (2010, p. 1) afirma que o racismo está “[...] presente em toda a sociedade, de um modo geral e conseqüentemente o espaço educativo não está ausente desse processo, algo que existe desde há muito tempo”.

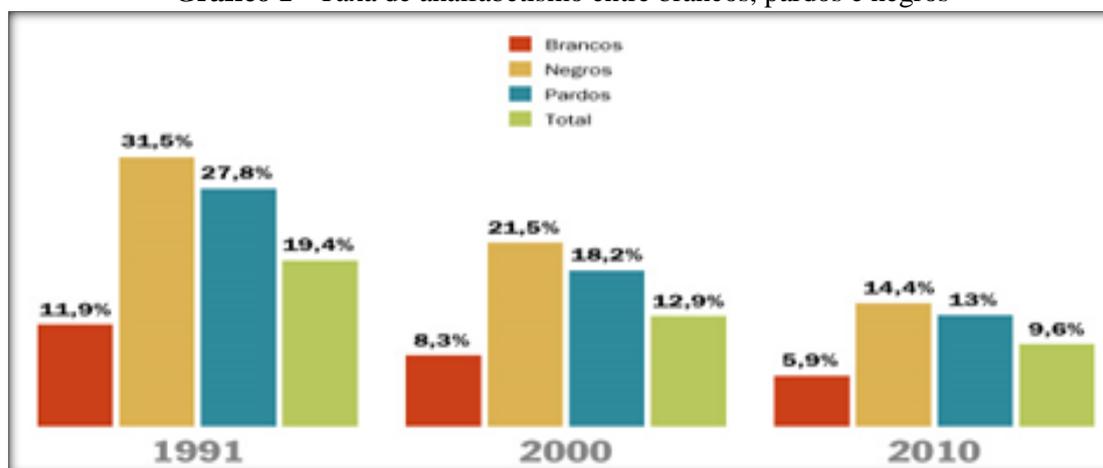
O racismo é uma herança histórica baseada em interesses sociais e econômicos da população branca europeia. Essa condição repercute em questões de poder e superioridade incrustada na sociedade dividida em brancos e negros. Trata-se de um assunto que causa polêmica por sua complexidade.

No âmbito escolar, o racismo encontra o mesmo lugar que em qualquer outro segmento da sociedade, uma vez em que mudam-se os espaços, mas, não os indivíduos. É importante ressaltar que quando falamos em educação, associamos ao pensamento do espaço de formação do indivíduo. Entretanto, o processo de desenvolvimento do aluno em sua plenitude, também se dá através das relações sociais, seja na escola ou em outros ambientes. Porém, não podemos esquecer que “para nossa sociedade a educação oferecida no espaço educativo é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, principalmente nos anos iniciais de sua vida” (NASCIMENTO, 2010) como é o caso do Ensino Fundamental.

218

No início do processo de escolarização os alunos negros e brancos têm o mesmo acesso a educação, porém no decorrer dos anos os alunos negros evadem da escola em maior quantidade que os brancos. Em decorrência disso, o grau de analfabetismo da população negra é superior consideravelmente em relação aos brancos, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Taxa de analfabetismo entre brancos, pardos e negros



Fonte: IBGE (2010).

Podemos perceber, com base no gráfico acima, que o último senso realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) mostra que os negros em 2010 tinham uma taxa de analfabetismo de 14,4% pouco mais do que os brancos tinham a mais de vinte anos atrás que era de 11,9%. Estes dados mostram como é nítida a desigualdade racial no ensino brasileiro.

Pesquisas feitas até os dias atuais no ensino do Brasil mostram como a desigualdade racial existente na sociedade reflete também nas escolas. Estas que deveriam ser um local de igualdade e de respeito às diferenças tornam-se mais um espaço de discriminação. É comum vermos casos de discriminação racial nas escolas, porém eles são tratados como casos isolados que ocorrem eventualmente ou apenas uma brincadeira entre os alunos. Conforme observa Oliveira (2002) no ambiente escolar, os negros são tratados de forma diferenciada, por meio de um racismo camuflado.

Sendo o Brasil um país multirracial e pluriétnico, torna-se preocupante a educação monocultural que vem destinada a todos os alunos brasileiros. Ao chegarem à escola, as crianças negras passam a enfrentar situações de discriminação, devido à cor da pele, ao tipo de cabelo, traços físicos, ou a outras características que não estão de acordo com o modelo de ser humano legitimado pela sociedade, fazendo com que sintam a rejeição da escola com sua pessoa, à cultura de seu povo e ao grupo étnico-racial a que pertence (ALGARVE, 2005, p. 11).

219

Nas pesquisas PNAD de 2010 realizada pelo IBGE foram realizadas análises superficiais para explicar o fracasso dos alunos negros na escola. Essas análises apontam os níveis sociais desses estudantes e o grau de escolaridade dos pais como principais fatores para o sucesso ou fracasso escolar dos alunos. Não buscam mostrar fatores que vão além destes como, por exemplo, o preconceito que estes sofrem em sala de aula. Tendo em vista que, seria inviável para um órgão nacional apontar a discriminação racial como fator relevante para o baixo desempenho escolar dos alunos negros, visto que o Brasil é um país multirracial, que vive em uma pseudo-democracia racial.

No Brasil, várias pesquisas têm se voltado a descrever e interpretar as desigualdades no plano simbólico ou discursivo. Os discursos, no geral, negam a existência de discriminação racial e procuram disfarçá-la, buscam reiterar os ideários da democracia racial e da fábula das três raças, reafirmando estereótipos racistas, grande parte das vezes de forma indireta. Em geral o tratamento discriminatório não é direto, mas implícito (SILVA, 2008, p. 95).

Ao adentrar neste meio de discriminação os alunos negros não conseguem se localizar neste ambiente, pois os professores normalmente, não fazem nada para que a cultura e a história dos seus antecedentes sejam tratadas de maneiras positiva. Isto pode

acontecer por desconhecimento por parte dos docentes e pelo fato de que o que é repassado para eles a respeito dos negros nos livros didáticos é somente o período da escravidão no Brasil. Esses livros trazem a imagem da raça negra apenas em posição de submissão a raça branca. Sendo os negros caracterizados como pessoas sem conhecimento, que foram capturados e trazidos para o Brasil para se tornarem escravos, sem resistência, pois viviam em condições miseráveis em seu continente.

Não são repassados os dados que apontam a quantidade de negros que morreram nos navios negreiros, por fazerem este trajeto do continente africano até a América de modo desumano. A cultura que é transmitida na escola ainda tem muita ênfase na eurocêntrica, os costumes são europeus, como eles fizeram para colonizar o país. Deixando de lado a participação dos africanos e dos indígenas para o desenvolvimento da nação brasileira, valorizando desta forma somente a história do branco, fazendo com que os alunos que descendem destes permaneçam sem conhecer a sua trajetória.

Segundo Louzano (2013) a falta de valorização da cultura negra dentro da escola e na sociedade brasileira de forma geral, pode ser uma possibilidade para explicar a maior incidência das situações de fracasso escolar entre os alunos negros. Além disso, os próprios mecanismos didáticos estigmatizam o negro e pregam o etnocentrismo da raça branca, fazendo com que estes alunos sempre encontrem os seus semelhantes postos em situações de inferioridade aos brancos. Como por exemplo, a imagem do negro nos livros didáticos que está sempre relacionada com escravidão e pobreza.

Conforme Cavalleiro (2006), o cotidiano escolar apresenta-se marcado por práticas discriminatórias que condicionam a percepção negativa das possibilidades intelectuais, profissionais, econômicas e culturais e propicia, ao longo dos anos, a formação de indivíduos, brancos e negros, com fortes ideias e comportamentos hierarquicamente racializados e carregados de estereótipos.

De acordo com Cavalleiro (2004), são sete os elementos estruturais na organização da escola que contribuem para a segregação do grupo negro no interior do espaço escolar e, dele, para sua subordinação na sociedade. São eles: currículo escolar, formação docente, material didático-pedagógico, minimização do problema racial, linguagem, distribuição desigual de estímulo e afeto, negação da diversidade racial brasileira na formação da equipe da escola.

Devido esta desvalorização do negro no espaço escolar estes alunos são expostos frequentemente a insultos referidos a sua pertença racial, brincadeiras pejorativas que afetam de maneira significativa no seu desempenho escolar, este fato hoje pode ser nomeado como *bullying*. Este assunto no meio escolar vem sendo um tema constantemente debatido nas mídias, no espaço escolar, uma vez que esta prática que antes era vista pelos professores como brincadeiras entre os alunos que não causavam problemas em seu desempenho, nos dias atuais vem provando ao contrário, pois aqueles que são vítimas do *bullying* podem vir a adquirir sérios problemas psicológicos.

RACISMO

De acordo com Lopes (2007) o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu para mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo é uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo. Desta forma os atos racistas são praticados por aqueles que se acham superiores aos outros de pertencimento racial diferente do seu.

221

O racismo é algo constantemente praticado na sociedade brasileira. Ele ocorre em lojas onde as pessoas negras são seguidas por seguranças pelo simples fato de terem entrado ali. Pode ser visto também nas mídias, principalmente nas telenovelas onde os atores negros são sempre postos para fazerem papéis subalternos de pouco destaque, quase sempre em posições de inferioridade aos não negros, como empregadas domésticas de pessoas brancas, bandidos, pobres, entre tantos outros.

Estes estereótipos dos negros nas telenovelas retratam apenas um lado das condições de vida da população negra no Brasil. Os negros nos dias atuais após tantas lutas estão conseguindo lugar de destaque na sociedade, estão adentrando em espaços antes só ocupados por brancos, na política, nos bancos universitários, nos cargos de poder como o Supremo Tribunal Federal que teve até recentemente como presidente o Ministro Joaquim Barbosa. Porém, falta muito a se conquistar, uma vez que o preconceito racial continua arraigado no Brasil, mesmo após anos da abolição da escravatura.

No Brasil, o preconceito racial foi construído a partir da interação entre dois grupos: uma classe política e economicamente dominante, com uma concepção de mundo considerada superior, que passou a dominar um outro grupo pela estrutura econômica baseada na escravidão; o grupo dos negros, que passou a ser considerado

inferior, crença que levou a justificar a dominação sobre ele. À medida que o grupo dominado passa a compartilhar as mesmas crenças sobre si mesmo e a submeter-se ao controle imposto, o processo se legitima (FERREIRA; CAMARGO, 2001, p. 79).

Este fato que levou a escravidão continua a repercutir na sociedade brasileira, pois os negros apesar de não serem inferiores aos não negros continuam sendo tratados dessa forma, porque o Brasil é um país racista. Embora, busque uma afirmação contrária a esta divulgando o mito da democracia racial.

Santos (2007) diz que particularmente no Brasil, o racismo em alguns aspectos se apresenta de forma sutil, ou naturalizada. Envolto nos efeitos do mito da democracia racial, as posturas das pessoas, frente às questões raciais, tendem a negar a existência de conflitos raciais e analisar qualquer divisão ou tratar as desigualdades raciais no campo das relações de classe.

No Brasil ao referir-se a um afrodescendente como preto ou negro é visto por muitos como xingamento ou ato racista, pois, como os autores citados acima afirmaram existem termos que são tidos como politicamente corretos para se referir a estas pessoas como “moreno”, “mulato”, “cor de jambo” entre tantos outros. O termo negro é revestido de características negativas como mostra algumas frases que já fazem parte do cotidiano do povo brasileiro e que são ditas de forma tão comum, que nem parecem ser ofensivas como: “*Todo negro é safado*”, “*Todo negro é preguiçoso*”, “*Só podia ser coisa de negro*”, “*É negro mas, é bonito*”, “*É negro mas, é inteligente*”, porém estas frases são carregadas de preconceito e são apenas mais uma demonstração do racismo velado existente no Brasil.

Gomes (2005) afirma que construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). De fato com todas as afirmações negativas relacionadas aos negros proferidas cotidianamente, dificilmente uma pessoa negra se sentirá a vontade para se definir como tal. Não é fácil identifica-se como negro estando constantemente escutando frases como “*negro correndo é ladrão*”, “*tinha que ser negro mesmo*”, “*todo negro é enxerido*”, “*além de ser negro é safado*”, e uma das alternativas encontradas pelos afrodescendentes para não atingir-se com este tipo de deturpação da sua imagem é negar o seu pertencimento racial.

Os negros em nosso país estão propensos a sofrerem em algum momento de sua vida ofensas relacionadas à sua cor, os homens negros são frequentemente confundidos com bandidos, mesmo sendo trabalhadores pelo simples fato de serem negros. Os jovens negros são as maiores vítimas e homicídio no Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) comprova que as chances de um negro ser assassinado no Brasil são muito maiores do que as de uma pessoa que não é negra. De acordo com informações do IBGE, apresentadas pelo IPEA, enquanto a taxa de assassinatos de negros no país é de 36 mortes por 100 mil negros, entre não negros, esta taxa é de 15,2.

BRANQUEAMENTO NO BRASIL

Bento (2002) salienta que no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais, porém este fato não ocorre somente por culpa do negro, pois esta busca pelas características do branco não partiu deles e sim de todo um processo histórico que internaliza no negro aspectos negativos relativos à sua pertença racial o que faz com que o mesmo busque fugir destas características, no intuito de melhor ser aceito na sociedade.

A partir destas imagens de superioridade dos brancos impostas pela sociedade é comum vermos afrodescendentes negando a sua cor, não porque escolheram este pensamento e sim pelo fato de que quando somos constantemente impostos a uma ideia o que normalmente acontece é cedermos a ela e passarmos a reproduzi-la. E esta teoria do branqueamento não foi iniciada pelos negros e sim pelos brancos como nos aponta Bento (2002) que ao discorrer sobre o assunto relata que quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro.

No Brasil o modelo que nos é imposto como positivo é o modelo do branco, são eles que mais ascendem financeiramente, são eles que normalmente encontramos em locais de referência nacional como na mídia televisiva, ou seja, eles são os modelos almejados e quanto mais o negro se aproximar destas características mais branqueado ele será como nos afirma Lima e Vala (2004) de fato, o racismo no Brasil manifesta-se, entre aspectos pelo branqueamento dos indivíduos que fazem sucesso e o enegrecimento ou

emparedamento dos que fracassam. Partindo deste pressuposto pode-se afirmar que os negros que ascendem socialmente tendem a ser embranquecidos, porém este episódio não os imuniza contra o racismo, como apresentadora global Glória Maria que foi barrada na porta de um hotel de luxo no Rio de Janeiro, no começo de sua carreira, ou seja, mesmo após sua ascensão social a mesma foi vítima de racismo, pois ainda hoje a ideia de que o lugar do negro é na baixa esfera social continua enraizada na mentalidade de muitos brasileiros.

Desde criança os negros são de alguma forma influenciados a negar a sua cor, pois normalmente nos espaços que frequentam se deparam com a falta de valorização de sua pertença racial, na escola por exemplo local em que deveria sentir-se acolhido se torna para o negro mais um local de discriminação, a sua história não é valorizada, e eles raramente se deparam com referências positivas de sua raça.

O desconhecimento da cultura e da origem, somado a falta de referências positivas da raça, são fatores que afetam negativamente a auto-estima dos(as) negros(as). Em vista da supremacia branca, e do domínio que estabelece na sociedade brasileira muitos (as) negros (as) buscam assemelhar-se ao branco, fato este que fortalece a ideologia do branqueamento que é uma das formas de desenraizamento da cultura negra. A ideologia do branqueamento ganha força mediante à desvalorização da cultura de origem africana e da presença e influência da raiz africana no país (GOMES 2009, p. 109).

224

A questão do branqueamento é tão presente na cultura brasileira que como afirma Gomes (2009) o (a) negro (a) enfrentou inúmeras dificuldades para se integrar na sociedade e, para conseguir esta integração, tinha que passar por um processo de branqueamento e mesmo aqueles que considerados (as) intelectuais, também não escaparam ao processo de branqueamento, eram levados (as) a pensar a sociedade como os brancos a pensavam e concebiam, ou seja, uma sociedade equânime, justa e bem organizada, uma verdadeira democracia racial.

ANÁLISE DOS DADOS

Para obtermos os dados da pesquisa foi aplicado um total de dez questionários aos alunos negros identificados pelos pesquisadores, de diferentes períodos do curso. Estes alunos foram informados sobre a pesquisa, porém, não lhes foi revelado o motivo pelo qual estava respondendo ao questionário para que isto não interferisse em suas respostas.

As perguntas dos questionários em sua maioria eram referentes ao Ensino Fundamental II dos mesmos, que era o período da quinta à oitava série que atualmente equivale do sexto ao nono, 60% dos sujeitos da pesquisa fizeram o Ensino Fundamental II entre os anos 2005 e 2008, 20% entre 2001 e 2004 e os outros 20% no período de 2007 a 2010.

Estes discentes estavam na faixa etária de dezesseis a vinte e quatro anos e encontrava-se divididos nos semestres oferecidos pelo curso em 2014.2 que são o segundo, quarto, sexto e oitavo período. Nesta pesquisa foram aplicados questionários aos discentes de todos os semestres como mostra o gráfico abaixo:

Na questão relacionada à cor dos alunos, em sua maioria se declararam como negros, sendo que cinco se classificaram como pretos quatro como pardos e um como branco. O sujeito que se identificou como branco demonstrou ter dificuldade em definir sua cor e pediu a minha opinião para que apontasse a sua cor, entretanto informei que não poderia interferir em sua resposta, então este se classificou como branco com a justificativa de que em seu registro de nascimento sua cor é esta, apesar de ter relatado que se considerava moreno, mas como não tinha esta opção optou por declara-se de cor branca.

A estes alunos foi perguntado se no seu ensino fundamental havia brincadeiras relacionadas à cor dos alunos, destes sete responderam que sim e três que não. Os que responderam positivamente citaram os apelidos como a brincadeira mais recorrente. Em uma das perguntas do questionário voltada para a questão de apelidos referente à cor dos alunos se existia ou não e tivemos o mesmo resultado da questão anterior sete afirmaram que sim, e três disseram que não. Os que responderam positivamente citaram apelidos como negrinho, macaco, cabelo pixaim, cabelo de pipoca, cabelo de Bombril, tiziu, carvão, cabelo de aço, preto, mucama, nariz de porco.

Ao serem indagados se havia conflitos entre alunos negros e brancos em sala de aula as respostas se divergiram, enquanto cinco negaram a existência, cinco afirmaram existir e estes apontaram os conflitos relacionados a apelidos, e um dos sujeitos relatou que alunos negros e de poder aquisitivo baixo não se relacionavam com os alunos brancos de poder aquisitivo maior, este afirmou também que era perceptível neste ambiente à exaltação da criança branca, pois estas sempre eram as escolhidas para os papéis das peças teatrais que a escola promovia, enquanto os alunos negros eram raramente selecionados

e quando assim acontecia era para fazer os papéis do tio Barnabé, da Tia Nastácia e do Saci Pererê da série do Sítio do Pica-Pau Amarelo do autor Monteiro Lobato.

A lei 10.639 tornou-se obrigatória no ano de 2003, logo se supõe que pelo menos 80% dos sujeitos da pesquisa tenham tido aula sobre esta, porém ao serem perguntados se haviam estudado algo sobre a África ou cultura negra, sete responderam que não e três responderam positivamente, porém estes relataram ter estudado assunto como a escravidão dos negros vindo da África, assunto este que não está propriamente relacionado com a lei 10.639/2003, pois este é o que sempre vem sendo estudado nos currículos escolares na disciplina de história, que não condiz com que é expressa na lei, haja vista que neste assunto a história retrata o negro apenas como escravo, sem mostrar as suas significativas contribuições para construção deste país.

A última pergunta do questionário desejava saber se os alunos negros sofriam discriminação racial na escola e novamente sete responderam que sim, e três responderam que não, aqueles que afirmaram existir a discriminação racial apontaram alguns casos em que percebiam o preconceito para com os alunos negros. Eles demonstraram perceber o preconceito na relação entre os alunos quando alguns brancos olhavam de maneira diferente para os colegas negros como se eles fossem superiores aos afrodescendentes, e também nos apelidos constantes proferidos contra as características dos negros, e ainda relataram que os alunos negros eram frequentemente comparados a coisas negativas, maldosas.

Uma aluna relatou que no nono ano uma professora dirigiu-se a um aluno da seguinte forma: - Negro não vai para frente, porque negro é “bicho enxerido”, outra discente contou que nos eventos das escolas os negros eram sempre postos á margem que na escolha da rainha do milho, este que era um acontecimento importante em sua escola à aluna selecionada era sempre loira e de cabelo liso e que ela por ser negra e não está de acordo com os padrões imposto pela escola não se sentia a vontade para se candidatar para ser a rainha do milho. Por tudo que aqui foi exposto fica explícita a discriminação racial que alunos negros sofriam no ambiente escolar, fenômeno este que também pode ser chamado de *bullying* racial, pois estas ofensas quando são ditas constantemente passam a ser caracterizadas como *bullying*.

Os negros aprendem desde cedo em sua formação que sua identidade negra deve ser negada, pois vive em meio a uma sociedade que impõe a teoria do branqueamento, o

cabelo crespo é visto como cabelo feio e ruim, porque o padrão de beleza no qual estamos inseridos nos ensina que o cabelo bonito é o liso. O ser humano não nasce racista, ele torna-se devido às influências que recebe em sua vida, a partir do convívio social, uma vez que as nossas primeiras opiniões do que é feio, bonito, certo, errado não é nossa, e sim de outras pessoas que de alguma forma influencia a nossa opinião, a qual passamos a reproduzir.

É conveniente observamos algumas frases que as pessoas usam na intenção de se defenderem e mostrarem como não são racistas “não eu não sou racista, tenho uma amiga negra”, “Eu racista? Sou não minha empregada é negra” “Se você tem um amigo negro compartilha”, aparentemente essas frases são frases normais que muitas vezes passam despercebidas aos nossos olhos, porém são expressões arraigadas de preconceito, pois o fato da pessoa se vangloriar por ter aproximação com o negro é como se ela tivesse fazendo um favor para pessoa negra mantendo contato com ela.

Schwarzc (1998) em uma pesquisa que realizou chegou ao incrível resultado de que 97% das pessoas por ela entrevistadas afirmaram não serem racista, e 98% delas diziam conhecer, sim, pessoas que são racistas. Ou seja, o racista é o outro nunca eu, pois se assumir racista em um país onde o racismo é considerado crime não convém a ninguém.

227

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo não irá chegar ao fim repentinamente, no entanto se a educação escolar que é uma das bases para a nossa construção conceitual e identitária não passar a reprovar as atitudes racistas neste meio, e a valorizar a cultura afrodescendente e os negros em sala de aula, assim como exaltam a dos brancos. Desta forma, teremos uma diminuição significativa do *bullying* racial.

O *bullying* racial é um tema pouco estudado no Brasil, pois alguns pesquisadores o tratam como racismo ou preconceito racial na escola, e é raro ouvirmos alguém fazer menção a esta prática com esta denominação. Porém após o recorte teórico feito na elaboração deste trabalho pode-se perceber que a discriminação sofrida pelos alunos negros em diversas escolas do país pode sim ser percebida como *bullying*, pois as práticas racistas para serem trabalhadas como tal deveriam ocorrer eventualmente, entretanto as discriminações raciais contra os alunos afrodescendentes são vistas cotidianamente no ambiente escolar, logo esta prática pode vir a ser chamada de *bullying* racial.

Bullying racial é uma violência mascarada de brincadeira que findou tornando-se naturalizado nas escolas, pois os alunos que são constantemente apelidados de forma pejorativa com referência as características físicas da raça a qual pertencem de forma repetitiva podem ser considerados vítimas do *bullying* racial, haja vista que estes são assim considerados quando se encontram repetidamente expostos a ações negativas por parte de um ou mais estudantes. Estas ações negativas podem dar-se na forma de contato físico, abuso verbal ou com expressões e gestos rudes (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Devido esta desvalorização do negro no espaço escolar muitas vezes os alunos afrodescendentes são expostos frequentemente a insultos referidos a sua pertença racial, brincadeiras pejorativas que afetam de maneira significativa no seu desempenho escolar, e este fator que pode ser chamado atualmente de *bullying* racial deve ser levado em consideração como sendo uma das possíveis causas do baixo desempenho dos alunos negros e do alto índice de evasão destes nas escolas.

O *bullying* ainda vem sendo um tema constantemente debatido tanto nas mídias, como no espaço escolar, uma vez que esta prática que antes era vista pelos professores como brincadeiras que não causavam problemas aos alunos, nos dias atuais vem provando ao contrário, pois aqueles que são vítimas do *bullying* podem vir a adquirir sérios problemas no desempenho escolar e também psicológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGARVE, Valéria Aparecida. **Cultura Negra na sala de aula:** pode um cantinho de africanidade elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas. 2005. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=478 Acesso em: 12 abr. 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). **Psicologia social no racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/branqueamento_e_branquitude_no_brasil.pdf Acesso em: 2 nov. 2015.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno:** identidade e pertencimento um estudo etnográfico. 2011. 157 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2004_1-74-DO.pdf Acesso em: 2 nov. 2015.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. (Org.). **Educar para a igualdade: gênero e educação**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretária Municipal de Educação, 2004.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. ed. - São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente. **Eccos Revista Científica**, São Paulo: n. 1, v. 3, p. 75-92, jun., 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71530106.pdf> Acesso em: 2 nov. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Secretaria de Educação Continuada. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1555> Acesso em: 2 nov. 2015.

GOMES, Ana Paula dos Santos. A educação para as relações étnico-raciais a partir do patrimônio cultural: educação patrimonial da cultura afro-brasileira e os (as) intelectuais negros (as). In: AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Coord.). **Educação e Diversidade: estudos e pesquisas**. v. 1. Recife: UFPE, 2009. p. 91-114. Disponível em: https://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/artigos_vol_1.pdf Acesso em: 2 nov. 2015.

LIMA, Marcus Eugênio O.; VALA, Jorge. Sucesso social, branqueamento e racismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Bahia, v. 20, n.1, p. 11-19, jan./abr., 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000100003&script=sci_arttext Acesso em: 2 nov. 2015.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LOUZANO, Paula. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos étnico-raciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia, GO. **Anais...** Goiânia, GO: ANPEd, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_315_2_texto.pdf Acesso em: 2 nov. 2015.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1. p. 19-23, jan./fev., 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572011000100004 Acesso em: 2 nov. 2015.

NASCIMENTO, Antônia Eunice de Jesus do. Educação e preconceito racial no Brasil: discriminação no ambiente escolar. In: EPEAL - ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO, ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL, 5., 2010. Maceió, AL. **Anais...** Maceió, AL: ANPEd, 2010. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/EDUCACAO-E-PRECONCEITO-RACIAL-NO-BRASIL-DISCRIMINACAO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR.pdf> Acesso em: 2 nov. 2015.

OLIVEIRA, Ancelmo Pereira de. **Discurso da exclusão na escola**. Joaçaba, SC: UNOESC, 2002.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Racismo em livros didáticos na escola: estudo sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa**. São Paulo: Autêntica, 2008.

SILVA, Maria Oneide Lino; et al. Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 6., 2010. Teresina, PI. **Anais...** Teresina, PI: UFPI, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf Acesso em: 2 nov. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 173-244.